



## QUANTO VALE UM DOMINGO NOS SUPERMERCADOS?

Em Portugal, só o  
sábado bate o domingo  
nas vendas da grande  
distribuição,



o que pode  
pesar na  
discussão à  
volta do fecho  
do comércio  
nesse dia.



Tema divide  
partidos  
e Europa

E12



# O domingo é o segundo melhor dia nas vendas dos supermercados

Grande distribuição confirma a importância do final da semana. PS e CDS não veem motivos para mudar lei. PSD não tem posição definida. PCP e Bloco são pelo encerramento



O segundo dia mais forte em termos de vendas nos supermercados em Portugal é o domingo. A frase foi dita pelo presidente do grupo espanhol Mercadona a 12 de março, em Valência, para justificar a abertura ao domingo das lojas que o grupo vai ter em Portugal a partir de 2 de julho, data da inauguração da loja de Caniçedo, em Vila Nova de Gaia, apesar de estar fechado em Espanha (ver texto abaixo).

Foi dita por Juan Roig Alfonso e podia ter sido dita por outras empresas da distribuição em Portugal que o assumem ao Expresso, embora não oficialmente. É difícil obter dados que comprovem o peso do domingo na rotina das compras junto da Associação Portuguesa das Empresas de Distribuição (APED), dos grupos distribuidores e até da Mercadona, que não identificou a fonte usada. Mas um estudo da Kantar sobre bens de grande consumo confirma: sábado é o melhor dia para os hipermercados e supermercados, com uma quota de 19,5%, seguido do domingo (14,9%), quase a par da sexta-feira (14,8%). Juntos, estes três dias valem 49,2% das vendas do sector.

Os únicos grupos que aceitaram falar sobre o assunto foram os Mosqueteiros e o Lidl. O primeiro confirma que o domingo é, a par da sexta-feira, o segundo dia mais forte em vendas. Diz que "a decisão de encerrar ou não, ao domingo parte das necessidades da região" onde cada supermercado está implantado e dos empresários independentes que gerem as suas lojas com autonomia.

Já no Lidl, "todos os dias são importantes" e o domingo é o quinto dia mais forte de vendas.

#### Troca de argumentos

Conhecer o peso exato das vendas ao domingo pode ser

determinante para a discussão sobre o tema em Portugal. É que se as pessoas acorrem de facto aos supermercados aos domingos, fechá-los pode promover alterações significativas nas suas rotinas. E na hora de contar argumentos, todos são bem-vindos. Terá o tema vindo para ficar depois de o bispo do Porto, Manuel Linda, ter apelado ao encerramentos dos supermercados e centros comerciais aos domingos, denunciando o "novo escravagismo da laboração continua".

De imediato, um antigo imigrante em França colocou uma petição na internet dirigida à Assembleia da República que já soma mais de 80 mil assinaturas a apelar ao "encerramento das grandes superfícies comerciais ao domingo". E há uma semana o poder político voltou ao assunto: João Ferrei-

ra, cabeça de lista comunista ao Parlamento Europeu, falou numa ação de campanha com trabalhadores do sector de domingos, precariedade e salários baixos, denunciando "uma total desregulação de horários, uma enorme dificul-

**Os domingos valem 14,9% das compras nos supermercados e nos hipermercados, diz um estudo da Kantar**

**Sexta-feira, sábado e domingo valem 49,2% das compras semanais de bens de grande consumo, refere o mesmo estudo**

dade de compatibilização entre a vida profissional e a vida familiar".

Numa ronda pelos partidos políticos, o Expresso verificou que o tema não é uma prioridade nesta fase. O gabinete de imprensa do Partido Comunista refere que "o PCP tem uma posição há muito afirmada de que é possível garantir o abastecimento da população sem recorrer à abertura dos supermercados ao domingo", fiel ao "objetivo de assegurar o descanso semanal dos trabalhadores, incluindo sempre o domingo com a vantagem que tem no plano pessoal e familiar".

Quanto ao Bloco de Esquerda, remete para um seu projeto de lei de 2010 em que defende o encerramento aos domingos e feriados.

O PS, através do seu líder parlamentar, Carlos César, diz apenas que "o assunto é desde 1996 da competência dos municípios, não vindo razão para que assim deixe de ser". O PSD

"não tem uma posição fechada" sobre a matéria. O CDS, pela voz de Helder Amaral, vice-presidente do seu grupo parlamentar e presidente da Comissão de Economia, Inovação e Obras Públicas, também não vê razão para mudar o quadro atual, até porque a sociedade "evoluiu para este modelo", mas considera necessário encontrar mecanismos de apoio ao comércio local.

Compreendendo "as razões que levaram a igreja a lançar o alerta de que há coisas mais importantes do que as compras para fazer ao domingo", Helder Amaral refere ser "fácil encontrar famílias juntas, às compras, ao domingo" e alerta para o impacto de um eventual encerramento no emprego do sector. "Não é possível defender trabalhadores empurrando-os para o desemprego", diz.

#### A destruição de emprego

A APED reagiu às declarações do bispo do Porto referindo que a abertura aos domingos vai "ao encontro das expectativas dos consumidores". O diretor geral da associação, Gonçalo Lobo Xavier, diz que o domingo é "o dia em que as famílias aproveitam para usufruírem de serviços e atividades que não conseguem gozar durante a azáfama da semana de trabalho. E isso não seria possível se a distribuição alimentar, a restauração, os transportes, os museus, ou os cinemas, só para dar alguns exemplos, não estivessem abertos".

Também a Associação Portuguesa de Centros Comerciais considera que a abertura aos domingos foi uma "decisão incontestada, compatível com a vida moderna e com as reais necessidades dos consumidores", admitindo que o encerramento ao domingo pode provocar a perda de 20% dos empregos no sector.

António Rousseau, que foi diretor geral da APED durante 33 anos e hoje preside ao Fórum do Consumo, recorda que a liberalização da abertura das superfícies comerciais ao domingo, há uma década, criou milhares de postos de trabalho e o seu eventual encerramento teria necessariamente "grande impacto no emprego do sector". "Mas hoje isto é tão habitual, está tão enraizado na vida dos portugueses, que é uma não questão", sustenta Rousseau, que foi um dos protagonistas da "dura luta" pela liberalização dos horários de funcionamento do sector na viragem do século. E a luta foi dura porque "talvez porque os sindicatos e a igreja tinham mais força do que têm hoje", responde.

MARGARIDA CARDOSO  
e PEDRO LIMA  
mmcardoso@expresso.imprensa.pt

## Europa está pouco unida na frente comercial

**Da liberalização total de horários, ao encerramento, cada país define as suas regras para o domingo**

O encerramento das lojas de retalho ao domingo é um processo em curso na Polónia e está a obrigar o grupo Jerónimo Martins a adaptar a operação da Biedronka, a cadeia de lojas que tem neste país. O grupo enfrenta esta mudança desde 2018, quando entrou em vigor a legislação que limita de forma faseada a abertura das lojas de retalho ao domingo, primeiro dois domingos por mês,

depois três e, a partir de 2020 todos os domingos, com algumas exceções, nomeadamente antes do Natal e da Páscoa.

A lei foi tendo aperfeiçoamentos já que ficaram de fora redes mais pequenas da distribuição. Ao mesmo tempo, antecipa-se que os grandes grupos venham a investir mais nas vendas pela internet de forma a contornar a limitação.

A Jerónimo Martins diz que "a Biedronka antecipou a alteração de comportamento dos consumidores, preparando as suas lojas e logística para dar resposta à esperada transferência de vendas dos

domingos para, principalmente, sextas, sábados e segundas. Em conjunto com este trabalho exigente de flexibilização operacional desenharam-se ações de vendas que garantiriam que os consumidores teriam todos os motivos para visitar a Biedronka antes de domingo".

Na Europa, a maioria dos países permite a abertura do comércio ao domingo, mas na prática há três cenários diferentes: os países que liberalizam horários, como Portugal, os que permitem a abertura do comércio ao domingo com restrições, como Espanha, e os que não o permitem,

com algumas exceções, como é o caso da Alemanha e Austria, sintetiza António Rousseau, presidente do Fórum do Consumo.

Um estudo do EuroCommerce sobre esta realidade, datado de 2017, indica que a regra na Bélgica é encerrar, mas o operador

**Na Polónia, a cadeia de lojas Biedronka, da Jerónimo Martins, enfrenta o encerramento faseado ao domingo desde 2018**

pode optar por parar noutro dia da semana, com casos especiais como as lojas de mobiliário e jardinagem, abertas 40 domingos por ano, das 6h às 20h. Na Alemanha, tudo fecha, com exceções como padarias, floristas e, em alguns estados, o "interesse público em circunstâncias específicas". Em Inglaterra há liberdade nos horários para as lojas com menos de 280 m<sup>2</sup>, mas as maiores só podem funcionar das 13h às 18h e a legislação dá aos trabalhadores o direito de recusar trabalhar nesse dia.

A Mercadona, a expandir a sua operação para Portugal, está a

adaptar-se à realidade do país, tal como a Jerónimo Martins faz na Polónia. Isto significa que o grupo espanhol estará aberto em Portugal, para concorrer com as outras insignias do sector, mas fecha em Espanha, mesmo nas regiões onde poderia abrir as portas — no vizinho ibérico, cabe a cada comunidade autónoma decidir abrir alguns domingos no ano, enquanto Madrid tem liberdade na definição de horários. Já "a Mercadona só abre as suas lojas nos centros comerciais onde está presente, de acordo com o horário desses espaços", explica o grupo. M.C. e P.L.